

**DE ESCRITORA AO MONSTRO SAGRADO: UMA LEITURA SOBRE AS  
BIOGRAFIAS DE CLARICE LISPECTOR**

***FROM THE WRITER TO THE SACRED MONSTER: A LECTURE ON THE  
BIOGRAPHIES OF CLARICE LISPECTOR***

Pedro Thiago Souza<sup>1</sup>

Gabriel Arcanjo de Albuquerque<sup>2</sup>

**RESUMO:** Nesse trabalho propomo-nos a comparar a configuração literária das biografias “Clarice uma vida que se conta” de Nádya Battella Gotlib e “Clarice,” de Benjamin Moser, em cujas obras os autores assumem a complexa tarefa de narrar a vida de Clarice Lispector, organizando depoimentos, documentos e outros registros de forma a criar, consciente ou inconscientemente, uma personagem passível de análise, sem que para isso busquem a veracidade dos fatos narrados. Empregamos como quadro teórico as ideias propostas por Leonor Arfuch na publicação “O espaço biográfico” no qual a autora cria, por meio de estudos da linguagem e sociológicos, um espaço para o estudo biográfico que vai das biografias canônicas até as formas mais contemporâneas de narrar a vida. **Palavras-chave:** Clarice Lispector, Crítica biográfica, Literatura comparada, Benjamin Moser, Nádya Battella Gotlib.

**ABSTRACT:** In this work, we propose to compare the literary configuration of the biographies " Clarice uma vida que se conta" written by Nadya Battella Gotlib and " Clarice , " by Benjamin Moser , in whose works the authors assume the complex task of narrating Clarice Lispector's life, organizing statements, documents and other records in order to create , consciously or unconsciously , one capable of analyzing character , without thereby seek the truth of the facts narrated . We employ the theoretical framework proposed ideas by Leonor Arfuch in the publication " The biographical space " in which the author creates through language studies and sociological , a space for biographical study that goes biographies of canonical even the most contemporary forms of narrating life . **Keywords:** Clarice Lispector, biographical criticism, Comparative literature, Benjamin Moser, Nadia Battella Gotlib.

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras - Língua e Literatura Portuguesa, pela Universidade Federal do Amazonas. Contato: [souzapedrothiago@gmail.com](mailto:souzapedrothiago@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Letras - Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo.

*“Uma das coisas que me deixam infeliz é essa história de monstro sagrado: os outros me temem à toa, a gente termina se temendo a si própria. A verdade é que as pessoas criaram um mito em torno de mim, o que me atrapalha muito: afasta as pessoas e eu fico sozinha. Mas você sabe que sou de trato muito simples, mesmo que a alma seja complexa.” CLARICE APUD MOSER. Clarice,. 2011, p532*

## **INTRODUÇÃO.**

### **1. A Crítica Biográfica**

Ainda em vida, Clarice Lispector tornou-se esse monstro sagrado o qual Olga Boreli nos traz conhecimento em publicação. Esse monstro sagrado na verdade era uma escritora que escrevia para salvar-se, como a própria nos conta em diversos depoimentos. Mas antes de escritora, era mulher, mãe, que se preocupava com as mesmas questões das mulheres de sua época, como por exemplo a vestimenta correta a ser usada, a maquiagem, as ocupações maternas, aliada às de quem precisa ao mesmo tempo cuidar da carreira de escritora premiada e com o trabalho de jornalista em um importante jornal nacional.

Eu sou uma mulher que sofre, como todas as pessoas do mundo, as mesmas dores e os mesmos anseios. Eu nunca pretendi assumir atitude de superintelectual. Eu nunca pretendi assumir atitude nenhuma. Levo a vida muito corriqueira. Crio

meus filhos. Cuido da casa. Gosto de ver meus amigos, o resto é mito. (GOTLIB, 1995, p. 435)

São muitos os depoimentos nos quais a escritora deixa clara a sua falta de vontade e infelicidade em ser mitificada. E, após a morte, esses relatos solidificaram-se e serviram de subsídio para a fama de escritora emblemática, a esfinge, como se refere Benjamin Moser em sua publicação “Clarice,”. Esse quadro, pintado por vários biógrafos, essa Clarice Lispector de tantas faces é um bom exemplo de como o discurso biográfico pode configurar a vida do biografado de forma a fazê-lo ter várias faces conforme se demonstra neste artigo.

Leyla Perrone-Moisés, em sua publicação “A falência da crítica” disserta sobre o que seria uma crítica biográfica e o seu ponto de crise, ou seja, a sua suposta falha em uma análise de determinada obra. A autora propõe que a crítica biográfica parte do pressuposto de que a obra literária seja a transposição quase direta da vida do autor. Na obra, o autor imprimiria uma série de características suas e, para entender e analisar completamente esse material, o crítico teria que saber, antes de tudo, sobre a vida do escritor. No caso de Clarice Lispector, para a crítica biográfica analisar uma de suas obras, teria que investigar antes uma de suas várias biografias escritas, pressupondo que os fatos narrados naquelas linhas fossem verdadeiros, que as características atribuídas a ela fossem realmente as suas, que todos os relatos de pessoas, mesmo muitas vezes tendo pouco contato com ela, fossem igualmente verdadeiros. A partir desse material, um crítico biográfico poderia fazer uma análise da obra literária da autora, associando fatos narrados nas obras literárias aos fatos conhecidos de sua vida. E de fato, existem muitos elementos que poderiam fazer parte de uma análise como essa, como o fato de Lispector gostar de ir ao Jardim Botânico no Rio de Janeiro, e muitos de seus contos narrarem mulheres que vão a esse lugar e têm as famosas epifanias

dos textos clariceanos. Essa semelhança entre as personagens de Clarice Lispector e sua biografia, é evidenciada, por exemplo, na análise feita por Moser da personagem Joana de “Perto do coração selvagem”

“A ideia é o alicerce do pensamento de Spinoza, e na passagem extática que encerra o livro de Clarice Lispector ela se repete claramente à medida que a narrativa desliza, de maneira imperceptível, na terceira pessoa de Joana para a primeira da autora” ( Moser, 2011, p.219)

Há sem dúvida em algumas de suas obras muitas semelhanças aos fatos narrados nas biografias publicadas sobre ela. Porém Perrone-Moysés declara qual seria o equívoco em uma análise como essa, na qual a causa do narrado literário estaria situada na vida do autor. O erro fundamental dessa crítica seria a identificação do poeta ou narrador com a pessoa do autor. Ao considerar a obra como uma imagem fiel do escritor enquanto homem, o crítico confundiria o nível literário e referencial da obra, esquecendo que na linguagem da literatura há um afastamento entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Falando ainda do erro dessa crítica, Moysés traz a citação de Barthes de que “narrador e personagens são seres de papel”.

Dessa forma, uma análise como a proposta pela antiga crítica biográfica seria pouco eficiente do ponto de vista da crítica literária, porque reduz a complexa relação entre vivência e literatura, parecendo ser o autor, o indivíduo que transpõe de forma figurada os acontecimentos da vida para a obra, negando a competência do autor de criar, por meio de diversos mecanismos de escrita, realidades literárias que não tenham necessariamente feito parte do que já foi vivido.

Compreender autor e narrador, ou seja, sujeito da enunciação com o sujeito do enunciado consiste em um erro quando se pretende analisar a narrativa. Segundo Salvatore D'Onofrio, narrativa é todo discurso que é construído a partir de personagens cujas vidas são entrelaçadas em um determinado tempo e espaço, sendo essa narrativa imaginária apresentada como real. O narrador, dessa forma, é um personagem ficcional criado para contar os eventos de uma narrativa, enquanto o autor seria a figura real e histórica. Confundir narrador e autor é firmar que, por exemplo, uma personagem necessariamente partilhe com o seu autor as mesmas ideologias. Ainda sobre o plano do discurso, Salvatore D'Onofrio discorre sobre uma estrutura mínima para a comunicação humana: emissor, mensagem e receptor.

Estando esses três elementos relacionados dentro e fora da obra, fica clara a relação que Perrone-Moysés apresenta como o erro da crítica biográfica que busca desvendar a obra literária por meio da biografia do autor. Afinal o autor, pertencendo ao campo da enunciação, não poderia ser avaliado pelo narrador que está correlacionado ao campo do enunciado, estando o primeiro externo à obra, e o segundo, em outra instância, localizado dentro do discurso literário, narrador e personagem sendo seres de papel.

Levando essas considerações para o campo da crítica biográfica, pode-se notar a relação entre quem escreve as biografias e o biografado. Por muito tempo a crítica não atentou ao fato de o biógrafo estar ligada à figura do autor, externo à obra, bem como ao fato de que o eu que fala nas biografias é um narrador, um ser de papel que se coloca dentro da obra, sendo, conseqüentemente, um personagem fictício, mesmo que ele se identifique com os fatos biográficos. D'Onofrio discorre claramente sobre essa relação citando Barthes.

Mesmo nos casos-limite do uso da própria vida para fins artísticos, num poema ou num romance escrito em primeira pessoa e com a utilização de dados biográficos

da pessoa do autor, quem nos dirige a palavra só pode ser uma entidade ficcional (D'Onofrio, 2007, p. 47)

Portanto, diante da impossibilidade de narrar a vida de forma exata, sendo esse, então, um trabalho de criação, nossa pesquisa tem como objetivo examinar o conteúdo ficcional presente nas narrativas biográficas, sondando as possibilidades para o processo de criação biográfica das duas publicações analisadas.

## **2. FACES DE CLARICE**

No caso das biografias examinadas, Nádya Battella Gotlib e Benjamin Moser, ao narrarem a vida de Clarice Lispector, passam a ser essas entidades ficcionais que contam a vida de outras pessoas com base em relatos biográficos que são a base para uma narrativa ficcional. Ficcional no sentido de ser criada e organizada com um começo, meio e fim.

Outros são os fatores que apontam para as biografias como obras que estão no ponto de tensão entre o ficcional e o real. Por exemplo, o tempo do narrador e o tempo dos fatos narrados. O biógrafo, a partir da entidade ficcional, cria uma disposição do tempo muito diferente da encontrada na "realidade". Para D'Onofrio, esse narrador pressuposto está presente no texto biográfico sem fazer referência explícita ao narrador e ao destinatário com o objetivo de uma transmissão do fato, de forma onisciente. Essa entidade ficcional cria e transforma os fatos biográficos de acordo com a vontade. Isso acontece nos textos analisados, quando, por exemplo, os autores conseguem narrar a mesma vivência de forma distinta, sendo possível evidenciar determinados acontecimentos, assim ressaltando características comuns a sua própria obra, como veremos na escolha dos valores biográficos examinados nesse artigo.

Clarice boa, Clarice má, Clarice bela, Clarice "monstro sagrado". Essas são as faces de Clarice, esculpidas e transformadas por meio de um narrador que se

pretende neutro, mas que já no ato de narrar perde essa imparcialidade e caracteriza a personagem, transformando-a em um ser híbrido formado ao mesmo tempo pelo factual e pelas abstrações mentais.

A biografia, dessa forma, passa a ser a mensagem; o autor, o emissor para o leitor, o destinatário, estando estes fora da obra literária, mas fazendo parte de uma análise biográfica que agora não pretende mais examinar os fatos narrados nas linhas biográficas para desvendar as obras do autor, ou saber se o que está sendo narrado é verdadeiro ou falso. Compreende-se, neste artigo, a dualidade das narrativas biográficas como sendo característica dessas obras que permanecem entre o factual e o biográfico. A biografia torna-se mensagem de um emissor para o receptor, essa narração passa a ter uma intencionalidade. Afinal, como alguns estudiosos de linguística apontam, ninguém fala por acaso, somente para contar algo. A mensagem, mesmo que não tenha claramente esse objetivo, busca exercer influência em quem a recebe.

Ainda outro aspecto da obra biográfica deve ser observado. O fato de que muitas das obras, e esse é o caso de “Clarice uma vida que se conta” e “Clarice,” sejam construídas muitas vezes tendo como base narrações autobiográficas. Nessas duas biografias usam-se relatos da própria Clarice Lispector, que fala sobre sua vida para amigos e em publicações, como é o exemplo das crônicas publicadas entre os anos 1964 até 1973.

Os relatos autobiográficos passam também a assumir o mesmo sentido que as biografias. O narrador é uma entidade ficcional criada para contar a vida que ele próprio reorganiza e edita pela vontade própria, muitas vezes chegando ao limite do verossímil. Mas nesse caso, o relato assume um outro aspecto estudado por Lejeune, o de um pacto biográfico.

Leonor Arfuch apresenta esse conceito diante da impossibilidade de verificação factual do enunciador das autobiografias. Ao narrar a própria vida, Clarice Lispector, e qualquer outra pessoa contando suas vivências, passa a fazer uma retrospectiva da própria existência, montando uma configuração do

factual de si mesmo, e diante da impossibilidade do ser de resgatar o passado, ele passa a criar, muitas vezes inconscientemente, um personagem através de um narrador, que pode ser confundido com a figura do autor, pelo fato de esse relato estar ancorado pelo próprio nome de quem conta. E mais uma vez defronta-se com a proposta do pacto biográfico estabelecido entre o autor e o leitor, o que tira do autor a responsabilidade de contar totalmente a verdade em seus relatos. O leitor também passa a assumir a responsabilidade pela leitura.

É diante da manifesta impossibilidade de ancoragem factual, “verificável”, do enunciador, que Lejeune, consciente de enfrentar um dilema filosófico que atravessa a história do autobiográfico, propõe a ideia do pacto autobiográfico entre autor e leitor, desligando assim crença e verdade: ‘Pacto (contrato) de identidade selado pelo nome próprio’. (ARFUCH, 2010, p. 53)

Diante dessa afirmação, pode-se dizer que Clarice Lispector, cria em suas crônicas e relatos de vida uma personagem que se baseia nesse pacto entre ela enquanto pessoa e os seus leitores. Porém esses relatos não são obrigatoriamente verdadeiros quanto à realidade factual, mas ainda assim precisam manter o contrato para que a mensagem tenha o efeito objetivado por quem o faz. Deve-se pensar na relação do narrador, mensagem e receptor, intrínseca à obra biográfica enquanto literatura. Mas para que a biografia tenha o efeito desejado, o de relato da vida, joga-se com a figura do narrador e autor, tornando difusa essa relação entre os elementos intrínsecos e extrínsecos à obra. O narrador passa então a assumir uma relação com o nível referencial, mesmo estando esse ligado ao campo literário.

No caso de Clarice Lispector, uma das principais formas de autobiografia apresentada nas biografias que constituem o corpus dessa pesquisa é a crônica. Para uma análise desse material, devemos levar em consideração algumas questões que permeiam a criação dessas composições literárias.



A primeira seria o fato de Clarice Lispector afirmar abertamente que escrevia para o jornal por necessidades financeiras. Esse nunca foi o campo de atuação da escritora Clarice, mas diante da necessidade ela passou a escrever. E ao analisar esse fato, uma outra questão ganha relevância nessa análise. Qual o objetivo de Clarice com essas crônicas? Analisando as publicações jornalístico-literárias da escritora, aparecem com alguma frequência os assuntos e respostas direcionadas aos admiradores do seu trabalho, ou o esclarecimento de alguns fatos cotidianos e ainda memórias. Tudo isso encoberto pelo tratamento poético característico da escritora, muitas vezes em discurso livre e fugindo do que é considerada uma boa crônica.

As formas como Gotlib e Moser trabalham esse material são diversas. Gotlib organiza a biografia de Clarice Lispector por meio de um sumário simples e conciso, o qual se subdivide em algumas outras categorias. A que trata das crônicas é simplesmente denominada de “Sete anos de JB”, no qual a biógrafa disserta sobre algumas crônicas correlacionadas à vida de Clarice.

Entre tantas outras possíveis classificações, os textos publicados no JB, ainda que republicações de outros textos, tal como lá se apresentam, podem ser considerados um extenso “diário de Clarice Lispector, que durou sete anos. Aí estão os afazeres domésticos e literários, como romancista, contista e cronista” (GOTLIB, 1995, p. 376)

Dessa forma Gotlib apresenta um retrato simples de Clarice e classifica esse material com um diário da autora, reforçando o pacto autobiográfico, tratado por Lejeune, que fortalece o discurso biográfico. Essa forma de apresentar o conteúdo torna o olhar do leitor difuso para com os elementos narrador e autor, mesmo que Gotlib fale sobre a republicação de textos, sendo esses literários e não biográficos. O pacto autobiográfico é mantido mesmo que de forma indireta. Quando o biógrafo cita essa fonte como autobiográfica, ou diário, está fortalecendo o *bio* da narrativa criada e configurada por ele próprio,

sem que sua mensagem chegue ao leitor como mera especulação da vida alheia. A crença de estar lendo a própria vivência permanece.

Moser também divide “Clarice,” em capítulos, mas, diferentemente de Gotlib, os seus títulos são emblemáticos e alguns não demonstram claramente do tratam. É quase um convite para que o leitor abra a biografia e descubra uma nova face de Clarice Lispector que é ao mesmo tempo “Um áspero cacto”, “A bruxa” e o “Monstro sagrado”. Mantendo o caso das crônicas como relatos autobiográficos, Moser escreve sobre “A descoberta do mundo, a reunião póstuma das colunas, é o que Clarice deixou de mais parecido com uma autobiografia” (MOSER, 2011, p. 488). Em seguida, o biógrafo mostra mais uma face de Clarice Lispector.

Se a *Senhor* apresentou Clarice aos literários, o *JB* a levava à classe média, semana após semana, e seu trabalho como colunista lhe trouxe uma fama que ela nunca conhecera. [...] ‘Escrevi nove livros que fizeram muitas pessoas me amar de longe’, escreveu Clarice acerca de sua recém-conquista popularidade. ‘Mas ser cronista tem um mistério que não entendo. [...] Sinto-me tão perto de quem lê. (MOSER, 2011, p. 488)

Uma Clarice Lispector que ama os seus admiradores e mesmo assim é excêntrica e misteriosa. Em um momento a esfinge e depois a que se abre e conversa com os seus leitores em uma coluna de jornal. Quanto do que a própria Clarice escrevia de si é ficção? Arfuch, por meio do posicionamento teórico de Mikhail Bakhtin, afirma que narrar a própria vida se transforma em um paradoxo, que o autor e personagem, nem mesmo nos relatos autobiográficos conseguem uma identidade plena. Esse posicionamento é consonante com o trabalho proposto, uma vez que aborda uma certa ficcionalização da própria vida por meio de quem a conta, seja ela o eu ou o outro. Dois fatores são assinalados pela autora, o primeiro é o estranhamento entre o enunciador que conta a própria história com o estranhamento de estar narrando algo do

passado que não pode ser recuperado pela memória em sua totalidade. Esse estranhamento coloca o problema da temporalidade nesses relatos onde há o desacordo entre enunciação e história.

Tratar-se-á, simplesmente, de literatura: essa volta de si, esse estranhamento do autobiógrafo, não difere em grande medida da posição do narrador diante de qualquer matéria artística e, sobretudo, não difere radicalmente dessa outra figura, complementar, a do biógrafo - um outro ou "um outro eu". (ARFUCH, 2012, p. 55)

Logo, ao observar a vida de Clarice Lispector, através das biografias e relatos alheios articulados pela figura do biógrafo, não se estará observando diretamente a trajetória da escritora de *A paixão segundo G.H.*, e sim uma complexa configuração literária que articula história e narração em um material ao mesmo tempo referencial e literária. Referencial porquê baseia-se em documentos oficiais, relatos comprovados de pessoas conhecidas e o próprio nome Clarice que assina algumas das declarações; literária, porque esse material é trabalhado por um autor que decide de qual forma, dentre inúmeras, vai contar os fatos mais relevantes da vida da figura real, transformando-a em um personagem e transformando a própria, voz do biógrafo, na de um narrador.

Ela não podia mais ter esperança de ver sua mãe se levantar da cadeira de balanço. O desespero da criança se transformou num objetivo místico, numa tarefa fantástica, de ambição empolgante: reconstruir o mundo por meio das palavras. 'Escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém' ela anotou pouco antes de morrer. 'Provavelmente a minha própria vida. "

(MOSER, 2011, p. 386 )

Há ao longo de toda a biografia de Moser, exemplos como o citado, onde o biógrafo emprega sentimentos para os relatos, configurando questões do passado, como a morte da mãe de Clarice, com relatos da autora já em vida adulta. Tais bilhetes e outras fontes de pesquisa, não mantêm incontestável relação com as associações feitas pelo biógrafo, no campo factual. Porém tornam-se axiomáticas dentro da própria obra biográfica. É sobre esse conteúdo enunciativo híbrido que a crítica biográfica trabalha. Não há mais o interesse central em desvendar a vida do autor, no caso, Clarice Lispector, através da vida. Obviamente, podemos entender melhor a configuração literária de alguns de seus textos quando se compreende que a autora teve contato com determinado tipo de obra e lia alguns pensadores. Porém esses detalhes são muito mais um olhar curioso do que propriamente o trabalho da crítica biográfica.

É por meio desses postulados, relativamente novos, que podemos afirmar serem tanto a biografia escrita por Benjamin Moser quanto a escrita por Nádia Battella Gotlib produto de um conceito apresentado por Bakhtin e de um dos principais conceitos para a formulação do espaço biográfico apresentado por Leonor Arfuch, o de um valor biográfico.

A esse respeito Arfuch escreve que, para Bakhtin, o processo que conduz ao valor biográfico seria o que se dá através do olhar do biógrafo, que passa a ter para com o biografado uma relação de outro. É a partir desse lugar que há um processo de identificação e conseqüentemente a valoração da vida alheia. Por meio desse valor biográfico os biógrafos organizam a vida alheia em uma narração, além de ordenar a própria vida.

Um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre a vida do outro, mas também ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida” (Bakhtin apud Arfuch, 2012, p. 55)

Eis o motivo pelo qual as biografias de Clarice Lispector continuam a ser diferentes, mesmo depois de sucessivas publicações contando uma única vivência. A análise comparativa da obra de Benjamin Moser e Nádya Battella Gotlib não precisa se transformar em uma investigação para saber quais das biografias consegue fazer mais referência ao factual. A preocupação da crítica biográfica, agora, é saber como os autores configuram as vivências de Lispector e quais fatores implicam na formação de uma personagem tal qual a dos romances só que com a diferença de ser ancorada ao factual com o nome “Clarice Lispector”.

Quando deixaram a terra natal, sabiam do que estavam querendo fugir. A Rússia estava sob o impacto da Primeira Grande Guerra, que entre tantas transformações, levou a Ucrânia, temporariamente, para o subjugo da Alemanha. E sofria também as consequências da Revolução de 1917, que com a vitória dos bolcheviques, inaugurava o primeiro governo comunista na Europa (GOTLIB, 1995, p.62)

De fato, desde o início da vida, Clarice Lispector, atravessa alguns fatos históricos importante, sendo alguns deles terríveis guerras e protestos. Esses fatos são narrados em ambas as biografias, porém o trabalho feito sobre eles é em grande parte diferente um do outro. Acima, lê-se o trecho em que Gotlib fala sobre a partida da família Lispector do seu país de origem para o Brasil. A narração dos fatos é feita sem grande apelo sentimental, mesmo que o próprio conteúdo factual seja suficiente para causar no leitor o sentimento de compadecimento diante de tantos intempéries.

Quando, em agosto, estourou a guerra mundial, as rotas normais de migração- por via terrestre da Rússia, via Europa Central, e dos

portos de Hamburgo ou da Holanda para as Américas- fecharam-se para os judeus do Leste. Centenas de milhares estavam sendo massacrados no front [...] E, assim como no Oeste, milhares de pessoas foram trucidadas em prol da conquista de uns quilômetros. Não demorou para que esses absurdos degenerassem em matança. Uma onda de *pogroms* varreu o Território de Assentamento. (MOSER, 2011, p. 44)

Sobre os *pogroms*, Moser traz o relato de um sobrevivente que conta como acontecia essa tortura. Consistia em um “bando” que invadia a cidade e espalhava-se pelas ruas, invadindo a casa dos judeus e matando, sem distinção de sexo ou idade. Os judeus tentavam salvar a própria vida, abandonando a casa. O bando procurava tudo o que havia de valor e destruíam aquilo que não tinha “importância”. A diferença entre o tratamento dado pelo bando aos homens em relação às mulheres é que estas eram estupradas antes de serem mortas.

Nesse contexto Benjamin Moser constrói sua narração da vida de Clarice. Intercalando relatos de sobreviventes e descrições dos lugares, no passado e no presente, o autor narra a vinda da família Lispector para o país. Nesse momento da narrativa, revela algo de grande impacto para o leitor, o fato de supostamente a mãe de Clarice Lispector ter sido estuprada durante um desses *pogroms*, e de que o nascimento da filha ser uma tentativa de salvação, baseada na crença antiga de que uma gravidez pode curar a mãe de suas enfermidades.

Há grande diferença desse mesmo acontecimento, as circunstâncias do nascimento de Clarice, na narração dos dois autores. No texto de Gotlib há uma procura pela imparcialidade, enquanto na narrativa de Moser os dados

são coletados de um romance biográfico escrito pela irmã de Clarice para levar ao leitor a sofrida trajetória de todos os membros da família Lispector, e como o fato de Clarice não ter, de certa forma, salvado sua mãe, refletiu de diversas formas na vida e literatura. De fato, aparece em alguns relatos de Clarice o fato de ela não ter salvado a mãe, o que torna ainda mais consistente, aos olhos dos leitores, a narrativa de Moser.

Pela configuração das narrativas, podemos afirmar haver, como propõe Arfuch, uma diferença entre os valores biográficos trabalhados nas publicações. Os autores identificam-se de forma diferente com a pessoa Clarice Lispector e conseqüentemente há uma valoração biográfica diferente para ambas as narrativas. Arfuch apresenta uma dicotomia para o conceito de Mikhail Bakhtin, dividindo o já mencionado valor biográfico em dois tipos: o valor heroico e o valor cotidiano, sendo o primeiro ligado a um sentido de transcendência, procura da glória da vida narrada, enquanto o segundo está ligado também à admiração mas de forma que esse sentimento conduza a uma compreensão do material factual. Os diferentes valores biográficos ordenam a narrativa biográfica de forma que a partir deles o autor configura a vivência do biografado. Também esses valores, comprovam que não há um modo de narrar a vida de forma imparcial, meramente descrevendo o que de fato aconteceu na vida do biografado.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

As biografias “Clarice uma vida que se conta” e “Clarice” poderiam ser classificadas dentro de valores diferentes. Gotlib narra a vida de Clarice sem muito apelo à figura que passou por diversas intempéries, dando ênfase nos fatos comprovados por documentos e em uma análise sutil de todas as obras publicadas por Clarice, mantendo um laço entre o literário e o vivencial, podendo dessa forma ser classificada como possuidora de valor cotidiano, pois busca a compreensão.

Enquanto no livro “Clarice”, Moser intercala a narrativa da vida de Clarice com fatos históricos marcantes, correlaciona-os de forma a criar no leitor a impressão de que a própria Clarice estava presente nesses momentos e sobreviveu a eles como faria uma heroína que consegue transpor seus diversos conflitos, mesmo que, no caso da escritora, não transponha o maior deles, seus mistérios. Logo, a biografia poderia ser classificada como possuidora de valor heroico.

Concluimos que as tantas faces de Clarice narradas nas biografias são passíveis de análise não pela comprovação do factual, mas sim pela configuração literária dessa personagem que se transforma dentro das narrativas. Carlos Drummond de Andrade escreveu sobre a autora: “Clarice veio de um mistério,/ partiu para outro./ Ficamos sem saber a/ essência do mistério./ Ou o mistério não era essencial,/ era Clarice viajando nele.”. Clarice realmente partiu de um mistério para outro. Ao chegar no final da vida, a autora do emblemático *A paixão segundo G.H* passou a ser confundida com suas narrativas que eram classificadas como herméticas. Porém o mistério a que se refere Drummond, parece ser imanente à própria existência humana, que quando analisada, passa a mostrar que todos somos G.H. em uma trajetória de paradoxos, sendo a vida inenarrável e ao mesmo tempo, contável de milhões de formas diferentes.

## REFERÊNCIAS.

GOTLIB, Nácia Battella. Clarice Uma vida que se conta. São Paulo: Editora Ática S/A, 1995.

MOSER, Benjamin. Clarice,. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A falência da crítica. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1973.

Arfuch, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.



**Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601**

**v. 8, n. 2 (2015)**

D'ONOFRIO, Salvatore. Forma e sentido do texto literário. São Paulo: Ática, 2007.

Artigo recebido em 27/01/2015

Artigo aceito em 01/05/2016